



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA CONTRA MENINAS ADOLESCENTES E MULHERES JOVENS NO CONTEXTO DO NAMORO NO BRASIL

**Íris Nascimento Freitas¹; Felipe Souza Dreger Nery² Danielly Vitória Santana da
Silva³**

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PIBIC, Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: irisnfreitas@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: fsdnery@uefs.br
3. Bolsista – Modalidade Bolsa/PIBIC, Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: daniellyhp@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: violência; mulher; namoro.

INTRODUÇÃO

Entende-se que na atualidade a violência, em específico a violência contra a mulher, é considerada um grave problema social com repercussões para a saúde pública, que se vê perpetuada pelas ideias patriarcais da sociedade como prática normalizada e cotidiana (Minayo, 2006). Nesse contexto, a Organização Mundial de Saúde (2018), estimou que 31% das mulheres maiores de 15 anos já vivenciaram algum tipo de violência física, sexual ou ambas no decorrer de sua vida.

No Brasil, é notório que adolescentes e mulheres jovens são vítimas de violência (Brancaglioni; Fonseca, 2016), contudo, apesar de ter grande relevância social, a violência de gênero nos relacionamentos íntimos é um tema recente e ainda pouco explorado na literatura científica, ainda mais se tratando das relações de namoro.

Amparado sob esse pressuposto, enfatiza-se que a violência durante a relação de namoro não é uma ocorrência rara e pode produzir impactos significativos para vítima em curto à longo prazo, apresentando como principais manifestações a depressão, ansiedade, ideação suicida, entre outros (Bittar; Nakano, 2018).

Assim, levando-se em consideração sua relevância, entende-se que estudos epidemiológicos que abordem os fatores associados à violência no contexto das relações de intimidade são imprescindíveis para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. É nesse sentido que o presente estudo objetivou: apresentar o perfil sociodemográfico de meninas adolescentes e mulheres jovens vítimas de violência no contexto do namoro (namorado e/ou ex-namorado como agressor); identificar a tendência temporal das taxas de notificação; e verificar os fatores associados.

MATERIAL E MÉTODOS

Realizou-se um estudo epidemiológico, ecológico do tipo série temporal. Foram analisadas todas as notificações de mulheres com idade entre 15 e 29 anos cujo agressor foi o namorado(a) ou ex-namorado(a). Os dados secundários foram obtidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/DATASUS) referentes às notificações de violência ocorridas no Brasil, entre 2010 e 2022.

Os dados foram sistematizados em planilhas e analisados pelo *software* Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 15.0 licenciado para o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdades em Saúde (NUDES/UEFS/CNPq). Inicialmente realizou-se a análise descritiva dos dados (frequências absolutas e relativas das variáveis qualitativas, e as medidas de tendência central e de dispersão das variáveis quantitativas) e a verificação dos fatores associados através de testes estatísticos apropriados (teste de qui-quadrado de Pearson).

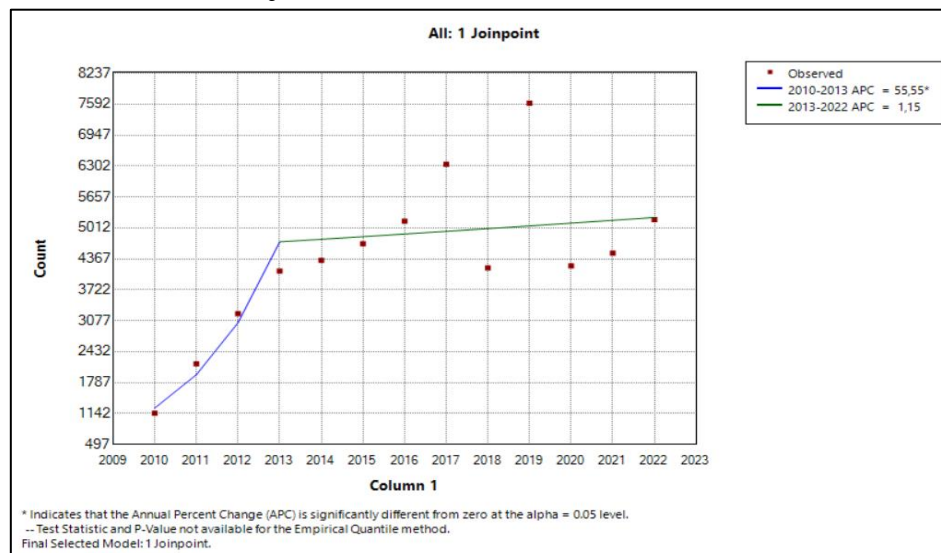
A posteriori, foi realizada a análise de tendência temporal das notificações de utilizando o modelo de regressão linear de JoinPoint através do *software* JoinPoint 4.9.0.0. Para esse último modelo, foi estimado a Mudança Percentual Anual (MPA). Para todas as análises, foi adotado $p\text{-valor} < 0,05$ para significância estatística.

Por se tratar de um estudo com dados secundários obtidos livremente em plataformas públicas, não foi necessária apreciação de Comitê de Ética em Pesquisa conforme estabelecido nas resoluções nº 466/2012 nº 510/2016 (Brasil, 2012, 2016).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

No Brasil, entre 2010 e 2022, foram notificados 56.822 casos de violência contra adolescentes e mulheres jovens (média de 2.016,9/ano, $dp = 3,3$), cometidos por namorado(a) ou ex-namorado(a). Ao longo da série, se observou aumento relativo de 353,5% no número de casos entre 2010 (1.143 casos) e 2022 (5.183 casos). Destacou-se o ano de 2019 com 7.612 notificações (13,4% do total). Em relação à análise de tendência temporal, notou-se uma MPA crescente e estatisticamente significativa de 55,5% (IC: 24,8% – 134,9%) entre 2010 e 2013, seguida de uma tendência estacionária (MPA = 1,14%; IC: -7,9% – 6,1%) (Gráfico 1).

Gráfico 1. Análise de regressão de Joinpoint das notificações de violência contra meninas e mulheres jovens no contexto do namoro na Bahia, 2010 a 2022



Fonte: SINAN/DATASUS (2010-2022). Modelo de regressão de JoinPoint.

Essa situação representa um grande fardo para a sociedade e, obviamente, para quem é vítima, pois a violência persiste como grave problema social e ocasiona danos psicológicos permanentes, interferindo na dinâmica familiar (Alcântara *et al.*, 2019).

A faixa etária que apresentou maior ocorrência foi a mais jovem, de 15 a 19 anos. A média da idade das vítimas foi de 21,2 anos ($dp = 4,2$). Estudo realizado por Fonseca

et al. (2018), observou que as adolescentes tendem a naturalizar a violência em suas relações, bem como a perpetuar as normas de gênero construídas socialmente, o que as torna vulneráveis à violência.

Quanto à raça/cor, considerando-se a população negra (pretos e pardos), observou-se 27.504 casos (52,5%), seguida da população branca (46,2%). Assim como evidenciado por Barufaldi *et al.* (2017), as mulheres negras são as principais vítimas da violência de gênero. Já em relação a escolaridade, nota-se uma maior frequência de vítimas de baixa escolaridade (60,6% não apresenta o ensino médio completo. Segundo Netto *et al.* (2015), a violência contra a mulher ocorre em todos os níveis de escolaridade, contudo, quanto mais anos de estudo elas possuem, presume-se que tenham mais conhecimentos sobre seus direitos de cidadania, o que pode conferir-lhes mecanismos pessoais protetores para afastá-las de relacionamentos violentos.

Sobre o local de ocorrência é possível observar que mais de dois terços dos casos ocorreram na própria residência da vítima (69,7%), seguida da via pública (23,5%). Quanto a reincidência da violência, se observou que 55,4% das vítimas não se trata da primeira ocorrência, particularmente se a vítima for jovem (Waiselfisz, 2015).

Já em relação os tipos de violência, apesar de termos identificado 56.822 notificações, o número de agressões foi de 80.795, indicando a ocorrência de múltiplas formas de violência. A violência física foi a mais frequente (59,8%), seguida da psicológica (26,7%) e sexual (7,4%). Leite *et al.* (2014) relatam que a violência contra a mulher se expressa, principalmente, por meio da violência física, sexual e psicológica, afetando sua integridade biopsicossocial.

Nesse contexto, o estudo identificou que as chances de ocorrência de violência física se mostraram mais evidentes em mulheres com idade entre 20 e 29 anos (OR = 2,86; IC: 2,70 – 3,03), brancas (OR = 1,44; IC: 1,37 – 1,51) e de alta escolaridade, considerando ao menos o ensino médio completo (OR = 1,47; IC: 1,39 – 1,56). Esse perfil também foi evidenciado para a violência psicológica, sendo as mulheres na mesma faixa etária (OR = 1,33; IC: 1,28 – 1,39), brancas (OR = 1,12; IC: 1,08 – 1,16) e de alta escolaridade (OR = 1,36; IC: 1,30 – 1,41) as principais vítimas.

Entretanto, ao se observar a violência sexual, incluindo o estupro, notou-se perfil diferente. As chances de uma mulher mais nova, com idade de 15 a 19 anos, ser violentada sexualmente foi 4,22 vezes (IC: 3,98 – 4,47) a chance quando comparado com as mulheres na faixa etária de 20 e 29 anos. Também se observou que a chance de uma mulher negra ser vítima desse tipo de violência foi 125% (OR = 2,25; IC: 2,11 – 2,39) maior quando comparada às vítimas de raça/cor branca.

Quanto ao vínculo do agressor, a maioria dos casos (40.400), ocorreu na relação de namoro e 16.743 casos na relação com ex-namorado(a). A respeito dessa relação, a chance de ocorrência de violência física (OR = 1,29; IC: 1,23 – 1,36) e sexual foi mais evidente entre namorados do que entre ex-namorados. Já a chance de ocorrência de violência psicológica foi maior entre ex-namorados (OR = 1,82; IC: 1,75 – 1,89) do que entre namorados (OR = 1,45; IC: 1,36 – 1,54). Todos esses resultados apresentaram diferenças estatisticamente significantes e demonstraram que a proximidade entre vítima e agressor é determinante para o tipo de violência envolvida.

No Brasil, as políticas de enfrentamento e combate à violência contra a mulher têm evoluído ao longo dos anos, mas ainda enfrentam desafios significativos. O país

possui leis robustas, como a Lei Maria da Penha, que criminaliza a violência doméstica e familiar contra a mulher, e a Lei do Feminicídio, que reconhece como crime aquele praticado contra a mulher em razão de seu gênero (Brasil, 2006).

Quanto as limitações do estudo, destaca-se a subnotificação dos dados, limitado controle sobre a medição das variáveis, além da ausência de algumas informações nas notificações disponíveis no SINAN/DATASUS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que a violência no namoro é um fenômeno multifacetado, moldado por uma intersecção de fatores individuais, relacionais e socioculturais. Entende-se que a desigualdade de gênero, a cultura do machismo, a falta de acesso a recursos econômicos e sociais, bem como a fragilidade das políticas públicas voltadas para a proteção das mulheres surgem como fatores críticos na perpetuação do cenário alarmante de violência de gênero.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, P. P. T. D. et al. Mulheres vítimas de violência atendidas em um centro de referência de atendimento à mulher. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, v. 18, n. 2, 27 dez. 2019.

BARUFALDI, L. A. et al. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2929–2938, set. 2017.

BITTAR, D. B.; NAKANO, A. M. S. Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, sn, 15 mar. 2018.

BRANCAGLIONI, B. DE C. A.; FONSECA, R. M. G. S. DA. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 5, p. 946–955, out. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n 466 de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF): 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BRASIL. **Lei 11.340 de 07 de agosto de 2006**: “Lei Maria da Penha”. Dispõe aspectos assistenciais, protetivos e criminais da violência de gênero. Brasília, 7 de agosto de 2006.

LEITE, M. T. DE S. et al. Reports of violence against women in different life cycles. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 85–92, jan. 2014.

MINAYO, M. C. de S. **Violência e Saúde**. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

NETTO, L. D. A. et al. Mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: tomada de decisão por apoio institucional especializado. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. spe, p. 135–142, 2015.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília, 2015. 83 p.